



Bernardine Evaristo e suas reconstruções (de gênero) na ficção britânica negra contemporânea

Bernardine Evaristo and her (gendered)
reconstructions in contemporary black
British fiction

Paulo Henrique de Sá Júnior¹

Resumo: O romance de estreia *Lara* (2019 [1997]), de Bernardine Evaristo, mistura memórias pessoais e narrativas transnacionais sobre as trajetórias familiares britânicas e nigerianas da autora. Em obras subsequentes, Evaristo amplia seu foco, explorando a presença negra na história da Grã-Bretanha e Europa. Seus romances, como *The Emperor's Babe* (2017 [2001]) e *Blonde Roots* (2020 [2008]), desafiam narrativas hegemônicas, celebrando a resistência e o protagonismo negro. A autora adota uma estética inventiva, misturando fantasia histórica, humor e linguagem híbrida. Este artigo analisa o tratamento da história negra nas obras de Evaristo, considerando a perspectiva de gênero nas construções ficcionais.

Palavras-chave: Bernardine Evaristo. Diáspora africana. História negra europeia. Romance histórico revisionista. Representação de gênero.

Abstract: Bernardine Evaristo's debut novel *Lara* (2019 [1997]) blends personal memories with transnational narratives about her British and Nigerian family history. In subsequent works, Evaristo broadens her focus, exploring the presence of black people in British and European history. Her novels, such as *The Emperor's Babe* (2017 [2001]) and *Blonde Roots* (2020 [2008]), challenge dominant narratives, celebrating Black resistance and agency. Evaristo employs an inventive aesthetic, combining historical fantasy, humour, and hybrid language. This article analyzes her treatment of black history, exploring how gender perspectives shape her fictional constructions.

Keywords: Bernardine Evaristo. African diaspora. Black European history. Revisionist historical novel. Gender representation.

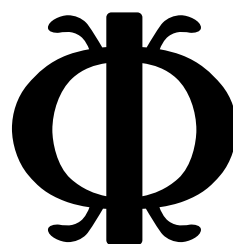
1. Doutor pela UERJ. Professor e Coordenador acadêmico na Deutsche Schule Rio de Janeiro/EAC. Membro do grupo de pesquisa "A Voz e o Olhar do Outro: questões de gênero e etnia nas literaturas de língua inglesa, UERJ/CNPq. E-mail: p_sajunior@yahoo.co.uk. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0758186361439984>. [ORCID](#)

Submissão: 18 mar. 2025 ⇨ Aceite: 20 abr. 2025

Introdução

O que acontece quando uma nova obra de arte é criada é algo que acontece simultaneamente a todas as obras de arte que a precederam. Os monumentos existentes formam uma ordem ideal entre si, que é modificada pela introdução da nova (a realmente nova) obra de arte entre eles.²

T. S. Eliot



Wawa Aba³

Bernardine Evaristo integra a geração de escritores negros e asiáticos britânicos que emergiram no cenário literário a partir da década de 1990. Embora não seja a única autora britânica a abordar temas históricos em sua obra, a centralidade da história negra na literatura britânica do pós-guerra é notável. Autores como Caryl Phillips, Fred D'Aguiar, Sam Selvon, Andrea Levy, Diana Evans, Jackie Kay e Zadie Smith, entre muitos outros, também exploram as múltiplas dimensões da experiência afrodescendente no contexto britânico e europeu.

Durante décadas, a representação das violências e injustiças cometidas por europeus contra africanos e seus descendentes esteve no cerne dessas produções. Contudo, na tentativa de romper com a imagem estereotipada dos negros como vítimas passivas, muitos desses escritores e escritoras passaram a reconstruir a história enfatizando práticas de resistência e conquistas culturais. É nesse movimento que se insere a obra de Evaristo, ainda que com um diferencial notável: ela é uma das poucas romancistas britânicas que reconfigura a história negra por meio de uma perspectiva ficcional ousada, marcada por um tom afirmativo e criativo. Em seus romances, expressões de orgulho quanto às realizações culturais e à estética negra são recorrentes; no entanto, a reescrita da história em moldes positivos e revisionistas representa uma intervenção literária de alcance mais profundo.

2. No original: "What happens when a new work of art is created is something that happens simultaneously to all the works of art which preceded it. The existing monuments form an ideal order among themselves, which is modified by the introduction of the new (the really new) work of art among them." (Eliot, 1982 [1919], p. 36 – 42). Todas as traduções são de minha autoria.

3. O símbolo Adinkra *Wawa Aba* se refere à semente de uma árvore que se chama *Wawa*, que, por ser extremamente dura, simboliza resistência, vigor e perseverança. Para mais informações sobre os símbolos Adinkra, veja: Owusu (2019).

Nascida em Londres, em 1959, Bernardine Evaristo é filha de pai nigeriano e mãe inglesa branca, compondo uma ascendência marcada por trajetórias migratórias múltiplas e intercontinentais. Seu avô paterno, de origem iorubá, retornou à Nigéria após ter vivido no Brasil, país de origem de sua avó paterna. Por parte materna, sua linhagem remonta ao bisavô, imigrante alemão que se estabeleceu em *Woolwich* na década de 1860, e à avó, proveniente da Irlanda, que fixou residência em *Islington* na década de 1880. Conforme observa Sofia Muñoz Valdivieso (2004), essa herança étnica e cultural heterogênea constitui um elemento central na configuração das identidades híbridas e das narrativas transnacionais que caracterizam a obra de Evaristo.

[Sua] miscigenação é geralmente vista como uma fonte de força em sua escrita. A hibridização marca sua obra: ela tece contos de um mundo multiétnico em um gênero híbrido que transita habilmente entre romance e verso, e seus romances permanecem fundamentados no presente, pois nos transportam para trás na história⁴ (Muñoz Valdivieso, 2004, p. 9).

Autora de perfil notadamente eclético, Bernardine Evaristo construiu uma carreira literária marcada pela diversidade de formas e gêneros. É autora de oito romances, alguns dos quais escritos em prosa poética ou verso, pelos quais recebeu numerosas distinções, prêmios e indicações. Além disso, produziu peças teatrais, narrativas ficcionais e não ficcionais, poesia e ensaios, com destaque para seus trabalhos criativos transmitidos pela *BBC Radio 3* e *4*.

Seu romance de estreia, *Lara* (1997), escrito em verso, foi agraciado com o prêmio EMMA (*Ethnic and Multicultural Media Awards*) de Melhor Livro do Ano em 1999, além de ter sido selecionado como “Livro do Ano” pelos jornais *The Daily Telegraph* e *The New Statesman*. Em 2001, publicou *The Emperor’s Babe*, eleito pela *The Times* como um dos “100 Melhores Livros da Década” em 2009. Os romances subsequentes incluem *Soul Tourists* (2005) e *Blonde Roots* (2020 [2008]; EUA 2009), este último escolhido como um dos Melhores Livros de 2009 pelo *San Francisco Chronicle*. *Lara* foi revisado e expandido em 2009, seguido pela novela *Hello Mum* (2010). Juntas, as obras *Lara*, *The Emperor’s Babe*, *Soul Tourists* e *Blonde Roots* foram reconhecidas como “Livro do Ano” em nove ocasiões por diferentes veículos da imprensa britânica.

Além da produção literária, Evaristo atua como crítica literária em jornais de grande circulação, como *The Guardian* e *The Independent*, e tem participado como jurada em diversos prêmios literários. Sua trajetória foi oficialmente reco-

4. No original: “Mixed background is usually seen as a source of strength in her writing. Hybridisation marks her work: She spins tales of a multiethnic world in a hybrid genre that moves skilfully between novel and verse, and her novels remain grounded in the present as they take us back in history.”

nhecida em 2004, quando foi eleita membro da *Royal Society of Literature*. Em 2009, recebeu o título de MBE (*Member of the Order of the British Empire*) na lista de honrarias do aniversário da Rainha, em reconhecimento à sua contribuição como “uma voz importante no panorama multicultural da literatura britânica”.

O percurso literário de Evaristo difere significativamente daquele trilhado por muitos de seus predecessores. Sua escrita encontra expressão em um gênero que, conforme define Jörg Helbig (1989) em “Die Vergangenheit, die keine war: Über parahistorische Literatur”, emergiu por volta de 1900 e alcançou pleno florescimento na literatura pós-moderna: o chamado romance histórico revisionista. Esse tipo de narrativa se distancia da historiografia tradicional, centrando-se nas experiências de sujeitos historicamente marginalizados ou silenciados pela narrativa oficial. Ao adotar esse modelo literário, Evaristo insere-se, consciente ou inconscientemente, em uma tradição cultivada sobretudo por escritoras, que reconfiguram o passado a partir de perspectivas alternativas, frequentemente interseccionadas por questões de raça, gênero e pertencimento cultural.

Em seu extenso estudo *The Woman's Historical Novel: British Women Writers 1900-2000* (2008 [2005]), Diana Wallace demonstra que, desde o início do século XX, muitas autoras britânicas passaram a adotar o romance histórico como um gênero privilegiado de expressão literária. Sentindo-se excluídas das grandes narrativas da historiografia tradicional, essas escritoras recorrem à história não apenas como forma de evasão, mas também como instrumento de crítica política e de intervenção cultural. Wallace sustenta que o romance histórico escrito por mulheres frequentemente articula uma resposta às lacunas da memória oficial, ao mesmo tempo em que reimagina o passado a partir de perspectivas alternativas, com ênfase nas experiências femininas e subalternizadas.

Nesse contexto, a obra de Bernardine Evaristo se insere de maneira exemplar. Embora adote estratégias estéticas inovadoras, como a hibridez de gêneros, o uso de linguagem experimental e o recurso à fantasia, sua produção dialoga diretamente com essa tradição de escritoras que utilizam o passado como meio de contestação e reconstrução crítica. Romances como *The Emperor's Babe* (2001) e *Blonde Roots* (2020 [2008]) não apenas reconstróem histórias negras omitidas pela historiografia hegemônica, mas também o fazem a partir de uma perspectiva explicitamente de gênero, ao destacar personagens femininas negras cuja subjetividade é centralizada. Assim, Evaristo alia o gesto revisionista característico do romance histórico feminino à representação de identidades interseccionais, ampliando o escopo político e estético do gênero.

A escrita de Bernardine Evaristo insere-se claramente na tradição da crítica política e compartilha, com diversas autoras que a precederam, uma abordagem híbrida ao romance histórico. Conforme argumenta Diana Wallace (2008, p. 3),

tanto na historiografia quanto na literatura, o romance histórico sempre ocupou uma posição ambígua, sendo frequentemente classificado como um gênero híbrido, ou mesmo como uma forma “bastarda”. Nas mãos de escritoras, essa hibrididade se acentua, uma vez que o romance histórico passa a incorporar elementos do gótico, da fantasia, da literatura de aventura e do romance policial, entre outros gêneros.

Evaristo leva essa hibridização a um novo patamar, ao combinar a narrativa histórica com uma ampla variedade de registros estéticos e gêneros literários, de forma particularmente inventiva e deliberadamente transgressora. Um dos fatores que possivelmente contribuem para essa liberdade criativa é a escassez relativa de registros históricos documentando a presença e a vida da população negra na Grã-Bretanha antes de 1948. Enquanto a história da escravidão atlântica é parcialmente conhecida por meio de fontes como cartas de capitães e médicos de navios negreiros, registros de proprietários de plantações, relatos autobiográficos de ex-escravizados, bem como algumas representações visuais, há significativamente menos documentação sobre a experiência negra no território britânico anterior ao pós-guerra. Ainda que historiadores tenham realizado esforços consideráveis para preencher essas lacunas, o conhecimento comum permanece fragmentado e limitado.

Diante dessa ausência de testemunhos históricos mais amplos e sistematizados, Evaristo parece ter se sentido particularmente desafiada, e ao mesmo tempo autorizada, a explorar com liberdade a interseção entre fato e ficção em sua reescrita da história. Essa abordagem é explicitamente comentada pela autora em relação ao romance *The Emperor's Babe* (2017 [2001]), onde ela também rompe com a linearidade tradicional da narrativa histórica, adotando estratégias narrativas experimentais que desestabilizam o discurso dominante.

Elemento central dessa ruptura é o uso inovador da linguagem, o que Evaristo denomina de “voz vira-lata”⁵, expressão cunhada por ela mesma (Muñoz Valdivieso, 2004, p. 17), caracterizada por uma mistura lúdica e ousada de registros linguísticos. Sua prosa incorpora um mosaico de socioletos e idiomas de diferentes períodos, combinando inglês padrão com gírias urbanas contemporâneas, *patois* caribenho, latim e outros jargões contextualmente pertinentes. Essa estratégia resulta em uma linguagem híbrida que não apenas subverte convenções formais, mas também reflete a multiplicidade cultural das experiências negras.

Uma breve caracterização dessas abordagens estilísticas e temáticas pode servir como introdução para análises mais aprofundadas dos romances de Evaristo, permitindo compreender como sua obra opera simultaneamente como reimaginação histórica, crítica cultural e experimentação formal.

5. No original: “mongrel voice”.

***The Emperor's Babe* e suas diferentes abordagens narrativas**

Bernardine Evaristo inicia seu segundo romance, *The Emperor's Babe* (2017 [2001]), com uma epígrafe espirituosa de Oscar Wilde, retirada de *The Critic as Artist* (1891), na qual se afirma que o único dever que temos para com a história é reescrevê-la. Tal citação encapsula de maneira precisa a proposta estética e política que orienta não apenas este romance, mas também suas obras subsequentes. Em *The Emperor's Babe*, Evaristo projeta uma narrativa situada na *Londinium* romana, período em que, embora não haja registros documentais diretos, é plausível supor a presença de populações negras oriundas das diversas regiões do Império. Longe de inverter ou reinventar a história em termos radicais, a autora preenche lacunas históricas com imaginação e verossimilhança, formulando um passado alternativo, mas não improvável.

Em entrevista concedida a Sofía Muñoz Valdivieso, Evaristo confirma a natureza especulativa de seu projeto narrativo, afirmando que o romance de fato articula uma história imaginativa sobre um momento histórico para o qual não existem registros oficiais (Muñoz Valdivieso, 2004, p. 17). A ideia para o romance foi alimentada por duas fontes principais: sua experiência como escritora residente no Museu Britânico, em 1999, que a levou a se interessar pelas galerias romanas e pelas reconstituições de ambientes da época; e a leitura de *Staying Power: The History of Black People in Britain* (1984), de Peter Fryer. Logo nas páginas iniciais, Fryer afirma que “havia africanos na Grã-Bretanha antes mesmo da chegada dos ingleses”⁶ (Fryer, 1984, p. 1). Entre os dados apresentados, constam a presença de uma divisão moura no norte da ilha, encarregada da defesa da Muralha de Adriano no século III, e a atuação do imperador Septímio Severo, nascido na Líbia e possivelmente negro, que passou seus últimos anos na Britânia, vindo a falecer em *Eboracum* (atual York), em 211 d.C. É precisamente nesse contexto que Evaristo ambienta sua narrativa, situando-a no ano da morte do imperador, que aparece como personagem secundário, envolvido romanticamente com a protagonista Zuleika.

Ao contrário dos romances históricos tradicionais, em que figuras masculinas e imperiais costumam ocupar o centro da narrativa, Evaristo desloca o foco para Zuleika, uma jovem negra, espirituosa, muitas vezes irônica, que narra sua própria história em uma linguagem híbrida e contemporânea. Filha de imigrantes sudaneses empobrecidos, donos de uma loja de vegetais, Zuleika é descoberta aos onze anos por um comerciante romano abastado, que a adquire como esposa. A partir daí, ela inicia uma nova vida entre os códigos da elite romana, mas recusa-se a ser apenas um objeto decorativo: deseja ser poetisa, cultivar sua intelectualidade e deixar sua marca no mundo. Em suas palavras: “Vou me tornar uma grande po-

⁶ No original: “There were Africans in Britain before the English came here.”

etisa. / Adoraria ser famosa por alguma coisa [...] Não serei imortalizada, não sei”⁷ (Evaristo, 2017 [2001], p. 45).

Apesar do casamento infeliz e da ausência do marido, que mantém outra família em Roma, Zuleika explora a cidade ao lado de amigas como Alba, sua companheira de infância, e Vênus, o Pênis, uma travesti carismática e dona de um bar popular. Juntas, organizam eventos como uma recitação-cum-orgia, ocasião em que Zuleika tenta se afirmar como poeta, mas tem seu poema recebido com indiferença, em contraste com os aplausos concedidos a um autêntico picto que profere discursos de ódio contra romanos e cristãos. Paralelamente, o imperador Severo visita *Londinium*, apaixonou-se por Zuleika e inicia um caso amoroso com ela. Ainda que o enredo mantenha-se dentro dos limites da plausibilidade histórica, Evaristo emprega o lirismo e a sensualidade para reimaginar essa relação, introduzindo elementos de afeto, desejo e deslocamento simbólico.

A caracterização de *Londinium*, por sua vez, combina descrições historicamente fundamentadas, como o vestuário, os cosméticos, os móveis, os alimentos consumidos (pássaros ao molho de aspargos, arganazes com mel) e as práticas violentas no anfiteatro, com estratégias de anacronismo e hibridismo. Evaristo introduz elementos modernos, como referências à grife Armani, à música heavy metal, ao “Empório Valentino”, que aproximam o leitor contemporâneo da narrativa. A linguagem é outro aspecto central: a chamada “voz vira-lata” da autora (Muñoz Valdivieso, 2004, p. 17) mistura inglês padrão com gíria urbana, *patois* caribenho, latim e *cockney*, criando uma textura linguística que reflete tanto a diversidade cultural quanto a resistência criativa.

O projeto de Evaristo não busca simplesmente inserir personagens negros em uma narrativa eurocêntrica, mas sim imaginar uma sociedade antiga multicultural em que esses sujeitos existem plenamente, com agência e complexidade. Embora *The Emperor’s Babe* não constitua uma crítica direta ao imperialismo romano, oferece uma visão alternativa de um império cosmopolita e mestiço, em que personagens negros ocupam, com naturalidade, espaços de centralidade. Nas palavras da autora: “O que eu quero que as pessoas façam é imaginar que haveria uma presença de negros na Londres romana; quero que considerem essa possibilidade”⁸ (Muñoz Valdivieso, 2004, p. 18). O romance, portanto, seduz o leitor a acreditar não apenas em Zuleika e sua trajetória, mas também na legitimidade histórica de uma comunidade negra em *Londinium*, que, embora fictícia, é construída com base em pesquisas, imaginação crítica e invenção literária.

7. No original: “I’m going to become a great poet. / I’d love to be famous for something / [...] I wanna be immortalized, dontchaknowit”.

8. No original: “What I want people to do is to imagine that there would have been a presence of black people in Roman London, I want them to consider that possibility”.

Blonde Roots: um romance de reversão

Se eu tivesse que apontar um momento em que a raça humana se dividiu nas severas distinções de *blak* e *whyte*, foi esse: as pessoas pertenciam a uma de duas cores e na sociedade que eu estava prestes a unir, minha cor, não minha personalidade ou habilidade determinaria meu destino⁹ (Evaristo, 2009 [2008], p. 75).

Em *Blonde Roots*, Bernardine Evaristo explora de maneira crítica a inter-relação entre forma literária e representação historiográfica, construindo uma narrativa que subverte as convenções do romance histórico tradicional e da narrativa da escravidão. O romance parte de uma premissa provocadora: uma inversão racial do tráfico transatlântico de escravizados, na qual africanos escravizam europeus. Através desse recurso irônico, Evaristo desestabiliza concepções fixas sobre a história da escravidão e problematiza as formas canônicas de sua representação literária.

Mais do que apenas um exercício especulativo, *Blonde Roots* engaja-se ativamente com a tradição da “narrativa de escravo” (*slave narrative*), destacando suas limitações estruturais e ideológicas. O romance se apresenta como conscientemente fragmentário, polifônico e repleto de narrativas contraditórias, recusando qualquer pretensão de uma memória histórica unívoca ou definitiva. Por meio dessa construção formal, Evaristo interrompe deliberadamente o fluxo linear da história para evidenciar as múltiplas formas pelas quais o passado da escravidão permanece relevante no imaginário contemporâneo.

Ainda que a escravidão atlântica permaneça como núcleo temático central, Evaristo realiza uma revisão radical tanto da historiografia quanto das formas textuais associadas a esse período. Através da distorção deliberada de temporalidades e geografias, a autora revela simultaneamente a fragilidade da verdade histórica como construção e a persistência de seus efeitos traumáticos. Nesse gesto, questiona-se a tendência de essencialização das identidades negras britânicas, frequentemente reduzidas à herança da escravidão.

Durante um evento literário em Berlim, em junho de 2010, Evaristo declarou que sempre teve o desejo de abordar o tema da escravidão por meio de uma inversão ficcional, evocando o “efeito de distanciamento” brechtiano como forma de provocar tanto empatia quanto reflexão crítica nos leitores. Ao descrever as experiências da protagonista Doris, a autora apresenta uma representação abrangente da vida escravizada. Doris ocupa quase todas as posições possíveis dentro do sistema escravista, excetuando-se a de escrava sexual, destino reservado à sua irmã

9. No original: “If I had to pinpoint a moment when the human race divided into the severe distinctions of blak and whyte, that was it: people belonged to one of two colours and in the society I was about to join my colour, not my personality or ability would determine my fate”.

Sharon, que se torna amante dos Bwana. A trajetória de Doris passa pela servidão doméstica e pelo trabalho agrícola forçado, e permite a Evaristo retratar aspectos da cultura que se desenvolve nas senzalas, como práticas culinárias, rituais religiosos e manifestações musicais.

A autora incorpora à narrativa uma série de elementos historicamente documentados: as violências da travessia transatlântica, as inspeções corporais degradantes nos mercados de escravos, a separação forçada de famílias e as punições brutais, como açoites e mutilações. Apesar da riqueza de detalhes, Evaristo não se restringe à fidelidade histórica; ao contrário, ela se vale das liberdades formais do romance histórico revisionista para construir um universo ficcional marcado por anacronismos e deslocamentos. Como em *The Emperor's Babe*, *Blonde Roots* apresenta uma temporalidade deliberadamente ambígua. A terra natal de Doris, a “Costa do Repolho” europeia, remete a uma Inglaterra medieval feudal, enquanto *Londolo*, com seus túneis subterrâneos e estações de nomes disfarçados, como *Bayswata* e *Paddinto*, alude a Londres do século XX. Já as práticas escravistas evocam diretamente o século XVIII. Essa justaposição de referências temporais distintas não busca tanto uma vingança simbólica do passado, mas sim a elevação da escravidão de um evento historicamente localizado a uma categoria simbólica mais ampla, revelando sua ressonância contínua em práticas contemporâneas de exploração e dominação.

Com isso, Evaristo desafia seus leitores a reconsiderar estereótipos persistentes sobre “selvageria” e “civilização”, expondo a instabilidade dessas categorias e sugerindo paralelos entre o passado escravocrata e formas modernas de subjugação. Ao mesmo tempo, fiel ao seu estilo característico, Evaristo atenua a dureza da narrativa com momentos de humor mordaz. As caricaturas dos proprietários de escravos, homens pomposos e suas esposas ociosas, corpulentas e cruéis, funcionam como alívio cômico, mas também como crítica social. O humor, entretanto, atinge seu ponto mais agudo na inversão racial sistemática que permeia toda a obra, especialmente nos pensamentos de Doris, que repete para si um mantra todas as manhãs, espelhando práticas discursivas internalizadas de inferiorização.

Doris repete para si mesma um mantra todas as manhãs, internalizando os discursos de inferiorização impostos pela ordem escravocrata:

Posso ser clara e loira. Posso ter narinas estreitas e lábios finos. Posso ter cabelos oleosos e um traseiro não arredondado. Posso corar com facilidade, ficar ruborizada ao sol e ter olhos azuis discretos, mas atentos. Sim, posso ser branca. Mas sou branca e sou linda!¹⁰ (Evaristo, 2020 [2008], p. 30).

10. No original: “I may be fair and flaxen. I may have slim nostrils and slender lips. I may have oilrich hair and a nonrond bottom. I may blush easily, go rubicund in the sun and have covert yet mentally alert blue eyes. Yes, I may be whyte. But I am whyte and I am beautiful!”.

Esse mantra revela a consciência dilacerada da personagem e sintetiza a forma como as estruturas coloniais de poder operam não apenas através da violência física, mas também por meio de um regime simbólico e discursivo que redefina identidades. A protagonista, embora biologicamente branca, é forçada a se enxergar como racialmente inferior, o que evidencia a construção social e política da raça. Por meio desse recurso, Evaristo desestabiliza noções essencialistas de identidade e explicita os efeitos psíquicos e subjetivos da escravidão.

Além disso, a autora parodia e subverte o aparato retórico da ideologia colonial. A linguagem do romance imita deliberadamente o tom paternalista e brutal dos textos coloniais, mas ao inverter os papéis raciais, ela desnuda a arbitrariedade dessa lógica. A ironia e o pastiche funcionam aqui não apenas como ferramentas estilísticas, mas como instrumentos de descolonização da linguagem.

A crítica de Evaristo se estende ainda às estruturas econômicas e geopolíticas que sustentaram, e em muitos aspectos ainda sustentam, práticas de exploração. Ao transpor o centro do poder para uma elite negra africana, a autora desafia o leitor a reconhecer que o problema da escravidão não se reduz a uma questão racial, mas envolve relações assimétricas de poder, ganância e desumanização estrutural. Com isso, *Blonde Roots* insere-se na tradição do romance histórico revisionista não apenas ao reescrever o passado, mas ao propor uma reflexão incisiva sobre os mecanismos narrativos que moldam nossa compreensão do que é “histórico”.

Por fim, ao articular um espaço narrativo em que passado e presente, fato e ficção, violência e humor convivem de forma deliberadamente tensionada, Bernardine Evaristo propõe um novo modo de ler a história da escravidão atlântica, um modo que rejeita a vitimização unidimensional e, em seu lugar, constrói uma visão crítica, complexa e profundamente humanizadora das subjetividades envolvidas. A autora, portanto, não apenas resgata vozes silenciadas, mas reconstrói a própria linguagem com que essas vozes podem ser ouvidas.

A ênfase irônica de Bernardine Evaristo na loirice de sua população escravizada em *Blonde Roots*, em vez de simplesmente atribuir aos personagens pele clara e cabelos de diferentes tonalidades, pode ser lida como uma crítica sutil à estética dominante e, possivelmente, como uma sátira à tendência contemporânea, comum entre jovens britânicos negros e asiáticos, de descolorir os cabelos em tons loiros. Tal escolha estilística amplia a dimensão crítica da obra ao evidenciar como a performatividade da branquitude também é construída e reproduzida culturalmente.

No que diz respeito à especificidade de gênero em seu tratamento da história, além do fato de que o romance histórico se tornou um dos gêneros mais explorados por escritoras ao longo do século XX, é possível identificar ao menos três aspectos centrais na obra de Evaristo. O primeiro refere-se à escolha das protagonistas: todas são mulheres, figuras fortes, resilientes, espirituosas e sensuais, mas

que permanecem submetidas a estruturas de dominação patriarcal. Em *Blonde Roots*, Doris é condicionada à subalternidade em razão de seu status de escravizada; já em *The Emperor's Babe*, Zuleika, apesar de sua natureza rebelde e perspicaz, é sujeita à autoridade do pai, do marido e, posteriormente, do amante.

Esse padrão de subordinação inscreve as personagens femininas na longa trajetória de marginalização das mulheres na história europeia, não como sujeitos autônomos, mas como vítimas ou, no máximo, sobreviventes engenhosas de um sistema patriarcal profundamente enraizado. Em consonância com isso, a representação das relações sexuais nas obras tende a reiterar a lógica tradicional da dominação masculina. As protagonistas frequentemente expressam desejo por homens fisicamente dominantes, reforçando uma estrutura de desejo moldada pela normatividade heteropatriarcal.

Essas construções revelam a intersecção entre raça, gênero e classe na narrativa histórica de Evaristo, ao mesmo tempo em que evidenciam como o romance histórico pode ser reconfigurado como um espaço para a crítica feminista e anti-colonial. Sua escrita opera, portanto, na intersecção entre reimaginação histórica e intervenção política, resgatando vozes marginalizadas sem abrir mão da complexidade estética e do humor.

Não há dúvidas de que, tanto no contexto do Império Romano quanto nas sociedades escravistas retratadas por Bernardine Evaristo, a estrutura social é marcada pela dominação masculina. No interior desse sistema patriarcal, certas mulheres também exercem poder, embora de forma limitada e muitas vezes replicando a lógica opressora vigente. Em *The Emperor's Babe*, por exemplo, Zuleika exerce autoridade sobre suas escravas caledônias com notável ausência de empatia, comportamento semelhante ao de esposas de senhores de escravos em *Blonde Roots*. Ainda assim, há um elemento essencial que desloca o eixo da dominação masculina: o foco narrativo permanece centrado no mundo das mulheres.

As atividades tradicionalmente associadas aos homens, como a guerra, o comércio ou a administração imperial, são mencionadas apenas de forma tangencial e frequentemente acontecem fora de cena. Em contraste, os universos femininos são retratados com riqueza de detalhes, sensibilidade e vivacidade. Em *The Emperor's Babe*, os prazeres cotidianos de Zuleika e Alba, suas caminhadas pelas ruas de *Londonium*, as conversas no bar de Vênus, os momentos de lazer em sua *villa* luxuosa, a escrita poética, as idas ao teatro e ao anfiteatro, os encontros amorosos e a vida social doméstica, são narrados com entusiasmo e atenção minuciosa. De maneira análoga, em *Blonde Roots*, a experiência da escravidão é apresentada sob uma perspectiva majoritariamente feminina, que contempla não apenas o sofrimento físico e psicológico, mas também os vínculos interpessoais, as práticas comunitárias e os saberes transmitidos entre mulheres, como o cuidado com as crianças, a culinária e a costura.

Esse foco na esfera feminina pode ser lido como uma forma de reconfiguração de gênero no romance histórico. Evaristo utiliza o espaço como um elemento simbólico de diferenciação entre protagonistas masculinos e femininos. As personagens masculinas tendem a conceber os espaços como objetos de conquista e dominação. O imperador Severo, por exemplo, enxerga a Escócia apenas como território a ser subjugado:

Por que os caledônios não podem se render?
Eu só penetrei em Moray Firth
o moral está baixo, meus soldados odeiam o frio.
Eu terei a Escócia. Todos os ruivos ficarão sob minha jurisdição.¹¹
(Evaristo, 2017 [2001], p. 148).

A autora ironiza essa visão utilitária do espaço por meio de uma paródia do famoso poema da Primeira Guerra Mundial de Rupert Brooke: “Se eu morrer, pense apenas nisso de mim, Zuleika / há um canto em algum lugar profundo / na Caledônia que é para sempre a Líbia”¹² (Evaristo, 2017 [2001], p. 149).

Da mesma forma, em *Blonde Roots*, o Bwana enxerga suas plantações unicamente como propriedades destinadas à exploração econômica. Em contraste, Zuleika demonstra uma relação afetiva e sensorial com o espaço urbano: ela se deixa tocar pelas cores, sons e aromas das ruas de *Londinium*, revelando uma percepção do espaço como lugar vivido e experienciado, e não como mero objeto de controle.

Esse contraste evidencia a sensibilidade de gênero na construção narrativa de Evaristo, que não apenas centraliza personagens femininas, mas também lhes confere uma forma de conhecimento e de presença no mundo que desafia as hierarquias tradicionais da história e da geografia coloniais.

Em sintonia com a sensibilidade espacial manifestada por Zuleika, a personagem Doris, em *Blonde Roots*, também demonstra uma percepção aguçada do ambiente ao contemplar a atmosfera serena de uma noite nos alojamentos destinados aos escravizados.

Quando os tempos eram bons e nossos estômagos estavam cheios [...] sentávamos em um círculo ao redor de uma grande esteira redonda de ráfia em uma noite de domingo, velas com aroma de limão enfiadas no gargalo de cabaças para manter insetos e mosquitos longe [...]. Deixávamos nossa risada fluir para o céu e ricochetear entre as montanhas. Era quase como se nossas vidas fossem normais¹³ (Evaristo, 2020 [2008], p. 208-209).

11. No original: “Why can’t Caledonians surrender? / I have only penetrated to Moray Firth / morale is low, my soldiers hate the cold. / I will have Scotland. All gingerheads will come under my jurisdiction”.

12. No original: “If I should die, think only this of me, Zuleika / there’s a corner somewhere deep / in Caledonia that is forever Lybia”.

13. No original: “When times were good and our stomachs were full [...] we would sit in a circle around a large round raffia mat on a Sunday evening, citron-scented candles stuck into the neck of gourds to keep insects and mosquitoes away [...]. We let our laughter stream up into the sky and ricochet between the mountains. It was almost as if our lives were normal”.

Grande parte do apelo estético e da experiência prazerosa proporcionada pela leitura dos romances de Bernardine Evaristo reside na mediação sensorial e vívida da atmosfera dos diversos espaços ficcionais que ela constrói, ambientados em tempos igualmente imaginados. Essa representação espacial, marcada por uma atenção particular aos detalhes sensoriais, é filtrada pelas percepções subjetivas das protagonistas e narradoras femininas. No entanto, subjacente a essa sensibilidade narrativa está a perspectiva autoral de Evaristo, cuja elaboração do espaço literário é, em última instância, informada por uma visão feminina do mundo.

Considerações finais

Bernardine Evaristo não é uma voz isolada dentro da ficção britânica contemporânea que aborda questões históricas. Desde o pós-guerra, a literatura negra britânica tem se consolidado como um campo fundamental para a reflexão sobre as experiências afrodescendentes, frequentemente centrando-se na exposição das crueldades e injustiças perpetradas por estruturas coloniais e racistas. Contudo, observa-se recentemente uma mudança paradigmática nessa produção literária. Em lugar de persistir em uma abordagem predominantemente acusatória, caracterizada pela reiteração de relatos de sofrimento e opressão, um número crescente de autores e autoras opta por estratégias narrativas renovadoras e afirmativas. Essas vozes literárias buscam desconstruir estereótipos que reduzem os negros a meras vítimas, promovendo uma reinterpretação da história que enfatiza conquistas culturais, resistências e autoafirmação, por meio de narrativas que mesclam fatos históricos e invenção ficcional.

Referências

- ELIOT, T. S. Tradition and the Individual Talent. **Perspecta**, v. 19, p. 36-42, 1982 [1919].
- EVARISTO, Bernardine. **The Emperor's Babe**. London: Hamish Hamilton, 2017 [2001].
- EVARISTO, Bernardine. **Lara**. Hexham: Bloodaxe Books, 2019 [1997].
- EVARISTO, Bernardine. **Blonde Roots**. London: Penguin Books, 2020 [2008].
- HELBIG, Jörg. Die Vergangenheit, die keine war: Über parahistorische Literatur. **Das Science Fiction Jahr**, v. 4, p. 392-403, 1989.
- MCCARTHY, Karen. Bernardine Evaristo interviewed by Karen McCarthy. **Valparaiso Poetry Review**, 21 maio 2010. Disponível em <http://www.valpo.edu/vpr/evaristointerview.html>. Acesso em 02 abr. 2025.

MUNÓZ VALDIVIESO, Sofia. Interview with Bernardine Evaristo. **Obsidian III: Literature in the African Diaspora**, v. 5, n. 2, p. 9-20, 2004.

OWUSU, Philip. “Multivocal” pedagogical/socialization tool. **Contemporary Journal of African Studies**, v. 6, n. 1, p. 46-58, 2019.

WALLACE, Diana. **The Woman’s Historical Novel: British Women Writers 1900-2000**. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008 [2005].